

# **BORGES E EUGÊNIO**

À direção do Centro Cultural Vital Corrêa de Araújo

Silvio Hansen – presidente

Rogério Generoso – vice-presidente

Cyane Pacheco – Diretora de Artes Avançadas

Socorro Leite – Diretora de Farnel, Adega e Cantina

Marcos Sá Barreto - Diretor de Design e artes gráficas

À minha mãe i.m. Deográcia Cavalcanti de Albuquerque

A meu pai i.m. Cláudio Corrêa de Araújo

Aos filhos Cláudio Corrêa de Araújo Neto

A Murilo Dantas Corrêa de Araújo (Murilo Gun)

comediante stand-up e detentor da Comenda José Mariano, da  
Câmara de Vereadores da Cidade do Recife

Ao irmão i.m. Pedro Cavalcanti de Albuquerque Corrêa de Araújo

Aos irmãos Romualdo e Cláudio Corrêa de Araújo Filho

A Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque

César Leal, Ivanildo Sampaio e Ariadne Quintela

Aos poetas Fernando Guerra

e Antônio Botelho

**VITAL CORRÊA DE ARAÚJO**

**BORGES E EUGÊNIO**

**A palavra aberta**

**Como reconhecer anjos?  
Pelos testículos cândidos.**

**(as veias da poesia nuas**

**o fêmur do verbo exposto**

**a fratura do espírito em riste)**

**a Bono Vox (U-2)**

**Compendio neste volume duas coletâneas de poemas (Borges e Eugênio e Testículos cândidos) compostos em tempos diferentes: 2010 e 2011, que se assemelham face alguma singularidade temática, que favorece a consolidação.  
(VCA)**

**2011**

## EPÍGRAFES DE EUGÉNIO DE ANDRADE

Um dos maiores poetas do século vinte

Colhe  
todo o oiro do dia  
na haste mais alta  
da melancolia.

Tigre adormecido  
coração do dia.  
Rosto semeado  
de melancolia.

São como um cristal  
as palavras.  
Algumas um punhal  
ou incêndio.  
Outras  
orvalho apenas.

Que fizeste das palavras?  
Que contas darás tu dessas vogais  
de um azul tão apaziguado?

Estou à espera  
de tarde semelhante  
a sono de maçãs.

Ardor da terra com sabor a mar  
teu corpo perdia-se no meu.

Ecce homo, parece dizer cada poema.  
Eis o homem, eis seu efêmero rosto  
feito de milhares de rostos...  
É a tal rosto que cada poeta  
está religado. A sua rebeldia  
é em nome dessa fidelidade.

## ARTE LITERÁRIA

Vital Corrêa de Araújo

A obra de arte moderna – e, de modo especial, a obra literária – não se impõe apenas como objeto de fruição e encantamento, de conhecimento ou aperfeiçoamento do humano, mas se oferece ao espírito como objeto de interrogação e de perplexidade.

Ela visa atrair o olhar e a alma, criar uma sensação quase física e construir uma consciência crítica do mundo, da vida, do ser, da sociedade.

Se a cada época histórica correspondeu um estilo dominante – e que representava a vanguarda ou o avanço de então –, se a cada era da história correspondeu uma forma, um modo de representação artística, é que cada mundivisão, ou concepção do mundo e das coisas, exige uma abordagem peculiar, uma estratégia característica, ou seja, a forma moderna (no sentido de bastião, ponta) de ficção e poesia, de pintura e música, etc.

A forma, o modo de contar, poetizar, pintar, soar, ecoar implica em forma nova de absorção ou recepção artística.

Não se pode ter o devido e necessário conhecimento do mundo e da vida, do indivíduo e da sociedade, da natureza e do espírito, da ciência e da cultura, do corpo e da alma, se anacronicamente estivermos presos, ancorados, – quase em estado de naufrágio – a uma forma passada (não digo ultrapassada, mas temporalmente superada). Fruto desse descompasso é a estagnação artística (resultado que é detritico e avilta ou encanece a saciedade que a cultiva); efeito dessa situação anacrônica é a navegação pequena, o singrar temeroso e tímido à margem do centro, do mar que é a arte, a arte que é a grande navegação do homem, a quebrar cabos e tormentosos climas superar e chegar ao que é novo em cada tempo, pois há um tempo para o velho e para o que o supera, e a inovação, o renovar é próprio da essência do homem (e da situação vigente, status quo que resiste sempre).

Se pusermos o carro à frente dos bois, a carruagem, a estrutura, viva ou mecânica, para, estrangula, interrompe-se o fluxo, cria-se caos não cosmo, retorna-se ao que passou, que não mais passará, coagulando o futuro.

A quantidade não salta à qualidade e nos chafurdamos num pântano pocilguento, comum e crescente, pântano da banalidade e do estático (do não estético) – e, o que é pior, banalidade escrita e publicada (mais que periodicamente).

Costumo dizer que o escritor tem que fazer a diferença, distinguir-se da maioria enterrada no pântano comum e crescente de mediocridade – e mediocridade organizada, com leis, ritos, sistemas, convenções rígidas (regidas por normas estáticas e sem êxtase), que, se o verdadeiro artista infringe, é chamado à ordem ou isolado, do pântano uno expulso, como boi desgarrado da manada. Ou ele é coagido a não evoluir, não se destacar, e não fazer a diferença. A força da mediocridade da sociedade poética organizada é incalculável. E deletéria ao extremo. Quebre-mo-la. É o novo desafio das novas e autênticas revelações. Urge uma geração que faça a DIFERENÇA. E vença o PÂNTANO que amalgama os medíocres. (E os mantém unidos sem perspectiva de salvação da sina coletiva e pantanosa).

NOTA:

Fiel a mesma estrutura (Borges e Eugénio), arquitetei a coletânea Cioran e Perse, Rimbaud e Mallarmé, Eliot e Pound, da série Janelas a (leituras escritas).

## ESPISÓDIOS 7

### ao escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque

Aspásia, a milésia, que galgou o coração de Péricles  
era demasiadamente brilhante  
para ser uma mulher honesta.

Súbito irrompe Ascáfalo, o fofoqueiro  
de olhos de topázio (topázio vindo de tredos  
relâmpagos espanhóis. Ou dos túmulos azuis  
das estrelas curitibanas.) Ardis que a carótida agrava.

Impeça Prosérpina  
– a que provou das noturnas delícias do inferno  
abraçar a bússola solar, cingir pesada luz.

Corpo não provém da leonardesca  
sombra esculpida no muro  
da lamentação do sonho.

Numa tarde endemoniada de Atenas  
sob ameaça da lua grega e furiosa  
Zenão, o sofista, inicia Péricles  
na arte devoradora da controvérsia  
e nos másculos mistérios  
do gentil amor grego.  
Acaso a fatalidade existe?  
Indaga estoicamente o céptico.



Apartada a coisa (bezerra, cabrito, tema ou o que seja)  
a imagem vem, se consuma em um arabesco  
infinito e gradual (gradiente do imaginário)  
de relações e nomes de objetos rurais, de árvores  
e corpos, de vazios repletos de azuis, plenos ocos.  
Ele se irmana com o lenho da alma  
se compraz com voos nupciais de abelhas  
balés zumbindo nos colchetes das colmeias  
macios rumores de maçãs armando doçuras  
cálices enflorados, rebites de beija-flores  
tudo compondo sinfonia silvestre densa  
selvagem.  
Ele elimina todo contingente. Extrai  
músicas de vocábulos, arma  
sintagmas transcendentais, sonatas verbais.  
O verbo – que em Mallarmé cria a flor  
ausente em todas as corbelhas – a rosa real  
nele esse verbo se aferra em registrar  
a beleza ínsita nas palavras  
pulqueria e anastácia.

Remoto ancestral meu vivera sete anos  
em Hiperbórea, acompanhando Apolo  
em forma de corvo solar. Antes  
ele morara numa caverna de Creta  
onde vivera frugalmente alimentado  
de ervas azuis e vasta insônia.

Em sonhos assisti Aristéas, filho  
de Caistróbios de Proconésia  
chegar às terras dos issedônios.  
Lá, Aristéas de Proconésia  
conheceu os arismapes  
povo de um só olho – e profundo olhar.  
O olho único era transmissível, móvel  
astuto, de mão em mão fluía  
garantindo o olhar de todos os membros  
desse povo unido em torno de um só e imortal olhar.

Também do sonho surgiram grifos  
guardadores de ouro ímpio  
vizinhos dos hiperbóreos.  
Consciente de que o sonho  
é uma projeção mental do futuro  
e de que suas imagens são caminhos  
viajei até o porto de Hiperbórea  
situado além da noite, perto da sombra  
bem além do Bóreas, o vento norte  
junto ao mar de Mármara.

## VERÃO ANIMAL

à praia de Boa Viagem  
berço de meus filhos  
náutico sítio de minha adolescência

Verão, limiar do pecado, estação  
dos desejos desencadeados  
animal claro, a veia  
latejando como abelha de cambraia  
enxame de luz acossando o corpo  
escuro do passado

verão quando a pele arde  
sonha com mordidas

seu rumor ardente  
já se flagra  
contra toda indolência  
e qualquer máscara

o verão abre seu curso preclaro  
sua nudez de pássaro e geometria  
nas areias que ardem  
da praia de Boa Viagem

e traz seus potros ávidos  
de luz e sal para dentro  
de nossos rostos árticos

**às 5h30 do 1º domingo de 2011**

## PRIMATÉRIA

Gemas sepultadas no coração.  
Morte na alma colhendo rosas.  
Caduceu que cura serpentes.  
Todo abismo é inconsciente.

Dos confins de Deborah e dos lírios  
vem a aurora  
traz no rosto açucenas vermelhas  
(um poema de maçãs na solidão vela  
sombras não sobrevivem do teu olhar).

A luz da aurora é de seda e pássaro, amiga.

A coisa estava calma, o pós-guerra morno.  
Vaché e Cravan deliravam nos bulevares  
de Paris crepitava sua loucura. Le Pohéte  
alimentava utopias perigosas e famintas  
com milhos transcendentais e imanes dentes.  
Atiçava a imaginação com a vara  
com que cutucava o id. De Viena vinham  
emanações de sonhos materiais. Tzara  
latia: o pensamento se produz na boca. A-  
perfeiçãoamos a culinária do espírito.  
No Cabaret Voltaire, ele fermentava (e formatava obliquamente)  
o futuro da arte (com carbonatos dados).  
Demolir para erguer das cinzas de Fênix  
porvir d'arte, rezava (no altar em forma de pira).  
Duchamp de mijo inundava Nova Iorque  
líquido precioso vazava do seu urinol azul  
fonte de alumínio e cerâmica de onde espumava o futuro  
a reboque da revolução tecnológica.  
E tudo começou a começar mesmo quando  
Breton, Le Pohéte, leu pela primeira vez  
na casa de Apollinaire a revista Dadá.

**GOTAS CHINESAS**  
**Nove monósticos epopeicos**

naus absortas urdo em águas surdas nado  
com a quilha do coração ao mundo apontada  
antes mudo que tardo corro ao mundo avaro  
grito para que eco multiplique uivo  
lido com penitência de não ter ídolo  
extravagante e dúbio poema do mundo  
ao ídolo dê-lhe culto e pasmo  
mesmo que amor tarde logo tudo arde  
olvido com sangue se paga tenho dito

(lume da veia esclarece cor do sangue)

(desentranhado de Monósticos de Carbono)

## UMA DÚZIA DE DÍSTICOS

1. Sombra dos torsos amáveis  
arco das náuseas velozes
2. Impaciente uivo das estirpes  
e lobos retardatários
3. Burla dos contornos  
ubre dos glossários
4. Bonde da história  
chega atrasado
5. A besta tecnocrática  
o bulbo do orvalho
6. O súbito paralisa e sacode  
como trovão o espírito

(Cultivo haras de cavalo  
e glandes de lascivo pinho  
além da volúpia da palavra)



7. Pessoas cultuam tardes ou hieróglifos  
algumas são especializadas em vazios
8. Vaidade alfange do ego  
hipocrisia punhal de dois rostos
9. Átimo é o centro do labirinto  
novela invenção de Ariadne
10. Eternidade detesta extremos  
não tem começo, fim ou meios termos de tempo
11. Dia infinito sonha com litanias metálicas  
oferecidos à noite em bandejas de lata
12. Incêndio de cotonifícios começa na lua  
avassala montanhas de lã, tem fôlego de algodão agreste.
13. Panaceia para panarícios  
V. compra numa delicatessen do Recife.

## CANTO PARA UM POETA MAIOR

Para amantes sem dinheiro  
palavras interditas  
todas as usuras do corpo  
e molhes de ternura  
cores trancados em guas  
verbo desabitado  
vésperas de novembro  
leitos proibidos, lençóis desarvorados  
mãos e frutos afastados  
do coração do dia  
saudades agudas escorrendo  
dos declives da lua.

Do mar de setembro sobra  
o peso da sombra  
sobre sal da lágrima  
língua de Portugal, gazéis de espada  
(e damas de copa acantonadas no propileu).

Do mar de setembro salta  
a cerâmica do escrínio  
louça de candeia salta.

Escrito de água ar onde  
limiar de pássaro se escande  
e se finca sobre  
o outro nome da terra  
abominação do gesto  
chão abandonado pelo silêncio.

Outono do além-mar aqui  
rajada de palavras  
liberta o rosto  
torna a pela malva.

Viço e lume morreram  
(homens não alimentam a alma  
se interessaram por negócios lipídicos  
contas bancárias e viagens a Coimbra  
vinhos do Porto e debêntures vadias).

Resta a desdita, o desespero resta.  
Remorsos não pagam conta  
nem têm memória  
confessionários fecharam  
púlpitos se ultimaram  
orações crucificadas  
preces recolhidas  
ao sacrário da hipocrisia.

Me ensina, Senhor, o ofício (e o lucro) da paciência.  
Me ensina, Poeta, como ser tão alto  
mais que píncaros e pássaros  
e o rosto negar ao abandono das máscaras.

Teu poema obstinado rigor  
contra a obscuridade infantil do homem  
celeiro de lume e seiva  
eito e silo de cio  
palavra em riste contrária  
à saída do poeta do mundo.

Véspera de água, odre de desejo  
sede de realidade.

Noite atíça claridade do corpo sem trégua  
(luz guardada no confim da alma  
palavra submetida à gramática da carne)  
contra a cruel crueldade do amor.

Boa Viagem 2010

## ROSA DE FERRO/TIGRE DE LÍRIO

Os artigos filosóficos de Borges  
é débil artifício  
de um argentino extraviado na metafísica.

A cegueira gradual não é trágica.  
É como um lento entardecer de verão.

A avançada idade tem me feito  
resignar a ser Borges.

Não me interessa em absoluto  
o juízo da posteridade. Espero  
ser esquecido total e copiosamente.

Que sobre cada minúcia de minha obra lance-se  
olvido duradouro.

Me aplaudem pelo mundo afora  
porque sou um velho cego.

Quero morrer de todo – e logo  
porque estou farto de ser Borges.  
(depois dessa declaração viveu 18 anos)

Vícios, nem tantos.  
Não bebo, não fumo, como pouco.  
Meus únicos hábitos são são  
ler a Enciclopédia Britânica  
não ler Enrique Larreta.

## FRAGMENTO

O esquecimento é um mordomo ferido  
um cozinheiro de dúvidas, exato maitre  
certamente um passageiro perene da verdade  
embora ceticamente vário.

Que minha pugna com a essência  
atravesse pássaros  
corrobore escombros  
horizontes defraude.

Faça rir orquídeas emocione rosas  
afugente ruínas, desarme o homem.

As surdas trilhas do outono  
ainda não percorri todas  
mas elas vivem em meus pés  
ensinam rumos ao rosto.



## POR SOBRE

Por sobre lodos, salas e hiatos inundados  
e ondulados metais atraçoados  
por sobre vísceras amarelas de safiras  
por sobre sabres e facas íntimas  
por sobre halos e pontes preênses  
por sobre cemitérios marinados  
e correnteza de mortos prateados  
no estuário da cantina dos ossos sublevados  
esperando ração de dor o espírito impaciente  
com o atraso do Juízo Final.  
(O que se espera sem desespero  
de qualquer corte judicial  
e seus trâmites absurdos  
— ou sobrenaturais).

**PONTOS DOS IS  
TRAÇOS DOS TÊS**

## EPÍGRAFES DE EUGÉNIO DE ANDRADE

Falar, falar como a criança que  
na noite se masturba, onde me leva;  
que palavras conduzem a mão  
ao limiar da pedra?

Nos teus flancos  
é que a fonte começa  
a ser rio de abelhas  
rumor de tigre.

E das consoantes, que lhes dirás  
ardendo entre o fulgor  
de laranjas e sol de cavalos?

Neste pais  
onde se morre de coração inacabado  
deixarei apenas três quatro sílabas  
de cal viva junto à água.

## PONTOS DOS IS

**i**

para expressar-se anjos que ornam  
sono de Maria bastam  
observar levante de pássaro  
(além da volúpia das abelhas na papoula)  
palpar asa do voo  
olhar música do tempo voar sobre inocência  
(o zumbir dos acordes cronológicos em enxame)  
tocar néctar (ante orvalho indeciso da manhã  
ouvir sinos de cidreira e tronos de campânula verde)  
instante máximo da voragem sentir  
e eis que a Virgem ri  
e Sua alvura beira jardins.

## ii

símbolos encravados nos arcos de Chartres  
(na nave da catedral de Colônia santos jasmins  
flores góticas gesticulando do altar flamante)  
e êmbolos onde ávidos anjos acantonados pairam  
espreitam virgem alvo  
face do relâmpago (lampejos que ejaculam  
dos olhos de Deus confinados no sacrário em chamas)  
rosto da vida ante ida apocalíptica mirando-nos  
intacto como um abismo  
mas assombrado

## iii

mármore anuncia eco do sulco  
aberto do rosto da estátua figura  
encravada na pedra do sono

### iii

verdade quando pregada a tachas severas  
a severinas esperanças costurada  
a liames agudos com versos e crus rebites cravados  
(como o punho de Cristo à dor do mundo)  
do átrio do rosto dos homens pórtico  
acre da alma, tempo em que ardem máscaras  
acolhe alegria de seus trâmites mercenários  
de ilusões redivivas de um átimo sem dor  
do tempo humano incrustado do útero do mundo

### iiii

que rosto é o de Deus que trama  
escande, tergiversa, promete, ilude  
e nunca declara nem a cor ou a lua  
do olhar, que urna secreta guarda enevoadada  
no esmiuçado céu Seu oblíquo semblante  
e a máscara do homem que Ele imaginou  
e Sua altíssima e destra mão (oleira e eterna)  
do mais vil barro engendrou?

## iiiiii

aurora coalhada de pássaros  
voragem indecorosa das rosas  
(itinerário peregrino do rouxinol em gozo  
no esgazeado e veloz périplo pelas flores  
banqueteando-se das doçuras primaveris dos aromas  
e sutis unguentos que nos cálices repousam)  
néctar em festa, abelhas delirando  
Francisco de joelhos braços em cruz  
olhos no oriente cravados suplica  
conceda, ó Jesus, que eu sofra  
todas as dores crucificadas  
paixão cruel coração sinta  
carne emerja da vitória dolorosa  
e me crema amor desmedido em que ardas  
entre rosas

**iiiiiii**

eis os aprestos do suplício (que aos olhos vergam)  
sais dolorosos que desceram da cruz  
pétreas chagas mutilados uivos  
instrumentos da vergonha pendurados da vida (e do céu)  
náusea que sonho modela com ventura  
crus madeiros da cruz cravos áridos luz devoto sangue  
túnica sangrando como abertos morangos  
(ou feridos aspargos de pus amarelo)  
coroa acúlea e espinhoso ato do homem  
sem dreno, perdão ou culpa  
e num átrio de vidro três gotas do sangue de Cristo.

**iiiiiii**

e a face inóspita, abrupta, terrível de Deus  
a quem glória suprema de bebê-la  
em visão branca ou perpétua  
pertencerá?

Recife, 2011



## SENTIMENTO DO POETA

**Às auroras mensais  
Às nuances da sede corpórea**

Sinto em teu corpo acrobacias de cores  
jarros de gozo derramando-se  
espetáculo da volúpia em exhibições vorazes  
(desacando a cama, olhos esbugalhando)  
e aroma vagaroso de rosa  
repousando no seio  
    porto convexo das mãos à deriva  
    pelo abdome da vida  
duplo cais macio como maçã  
    ou dilúvio ereto de digital prazer  
    éden dos dedos, êxtase da pele  
também sinto os crus  
perfumes do ventre morderem-me boca surda  
indecisos e perfeitos olores (diabólicos vertiginosos)  
acantonados em teu corpo noturno preparando  
carnívora aurora  
    as bandeiras do púbis encarniçadas de chamas lascívas

úmidos anúncios das manhãs alterosas (irrenunciáveis)  
que brotam de ti como rio  
para minha pobre e sedenta vida arrimo escuro  
corrente miraculosa fluindo de tuas brechas doces  
como grito ou bálsamo irmão  
pensando as desditas, declarando a morte dos miasmas  
a filosofia do seio ereta como um verdugo

até a conflagração de todos os terríveis hormônios  
se depauperar invertendo seus prêmios  
(e a caudalosa impotência invadir-me o espírito rebelde)

até a transmutação de todas as vontades em pedra  
de todos os obstáculos perenes em amorosas pastagens  
meu sentimento é de que a realidade  
vença o desejo  
subjugue tudo o que pulse  
e o reduza ao que há de imóvel  
no destino humano  
lance a inalterável realidade  
rédeas curtas contra esse touro da carne.

## SIMULACRO DE LUZ

Ao crepúsculo do ídolo a razão perde  
substância e sensibilidade  
e brilhos de pântano simula  
com suas perdas e lápides  
impiedosas vozes oferece ao sigilo  
emaranha-se de mudos utensílios  
e esvai-se a lapidar vãs pérolas escuras  
a rés do ocaso que ergue seu triunfo  
simulacro das cores abandonadas do meio-dia  
a alma vã não perde por esperar  
o afã de quando acorde  
ao som orgiástico do corpo em festa  
blasfema com ela  
cansaço da esperança  
faz presente incansavelmente  
na sina humana

que carniças deixa a aurora  
pinos que o meio-dia abandona  
lixões de cores do crepúsculo  
legado à noite de Deus (dará  
abandono ao Criador  
o desprezo humano?)

## RECLAMAÇÕES DA MORTE

Ao brotar da aurora a Morte (noturna)  
que atrasada trazia dois cadáveres ouviu  
o acaso de um concerto de bem-te-vis e pensou.

Que destino mais turvo o meu  
que missão Deus me deu  
mais curva e desagradável  
que a de qualquer um criado  
não tenho manhãs, piedade, orvalho  
(meu ofício, escuro, árido, é desprezível  
obscuro, apodrentado e triste  
triste como o demônio que dizem  
traz o arado e a foice a meu lado).

Por que, Senhor, me destinaste  
trabalho tão insonoro e crasso  
(tão sem luz porque trago escuro e agravo)  
destino tão doloroso e parco?

Canções ouço somente  
de lábios agonizando lamentos  
ou desesperados prantos  
panos febris de insânia ensopando  
choro terrível e infrutífero  
demorando em meus ombros  
devorando-me o juízo apocalíptico.  
Canto de desespero puro  
cantantes bâtegas de lágrimas  
derramando-se como rio sem nome  
a mar e eras líquidas à bessa  
atacado de desgraças  
uivos a desesperança atados  
a músicas esqueléticas, tudo  
timbale de clavícula, tudo  
compõe meu cotidiano turvo  
concerto escuro  
sina ífera, tredo lugar  
o do confim a que me confias  
injusto Senhor.

## CÓLERA E USURA

Ruge o céu. Vermes audazes  
rondam o infinito.  
Sombra de um bombardeio atordoa anjos  
alma de cimento das crianças  
no silêncio de aço trancafiada  
confiada ao desalento de uma trapaça.  
Medo rasteja. Dor  
brilha em cada rosto que reste  
depois da lágrima.  
Inocentes no sono de basalto  
sonham com vilezas.  
Dos estratos do ar poreja  
avião terrível abre útero de bombas  
ventre severo e insone  
despedaça homens.

Grãos se assustam. Treme erva.  
Mulheres vomitam náusea e prece.  
Cães enlouquecem.  
Girassóis quedam-se. Flores  
se suicidam. Cálice se locupleta  
de cicuta e alicates.  
Em agonia desfilam pássaros, lilazes e crianças.  
Após orgia da terra vicejam  
osso e peste. Em cada  
cratera suprema alguns deus sagra, supura  
fel que destina ao lábio vil da criatura.

## **INCRÉDULO VERBO**



**EPIÍGRAFES DO POETA LUSO  
EUGÉNIÓ DE ANDRADE**

As palavras  
quem as escuta  
quem as recolhe  
assim cruéis, desfeitas  
nas suas conchas puras?

Como se não houvera  
bosque mais secreto  
como se as nascentes  
fossem só ardor  
como se o teu corpo  
fora a vida toda  
desejo que hesita  
entre espada e flor.

Uma coisa é habitar a pele  
outra ter a noite por fragata.

**CRÉDITOS DO EGO (INCRÉDULO VERBO)**  
**poema bem pessoal**

Não vou abandonar os horrores  
nem demolir sofismas que me deslumbrem  
ou esvaziar os intestinos íntimos do tempo  
que desova suas mazelas horárias em meu rosto.

Das cores de um verão incruento  
leio pálido credo do desespero  
da coroa de uma moeda castrada  
recolho dracma, touro imprimo  
no olho de um sol de ouro oblíquo  
rosto que máscara abandonou resgato  
junto a uma prece do lábio extraviada  
coração escuro ilumino com gema  
falsa do infinito (ou da estrela de olhar maduro  
estirado como carcaça no deserto corpo).

Pó projetado sobre ganga  
sobre dons imperfeitos lamento derramado  
sobre cinzas tristes penacho de urzes, égide  
vitoriosa do fogo e visão de dilúvio de chamas  
sobre escuro perfeito fragmento  
de luz desenraizada, lâmpadas estupidadas  
sobre escombros verdade solidamente edificada  
alicerces de cavalos sobre haras  
galope de crinas nas espáduas do prado  
(catraias sobreviventes do bisaco do poema).

Quando o tédio da planície, a certeza  
dos caminhos (lampejos apodrecidos presentes)  
o enjoo da claridade (ou a palavra  
gramaticalmente correta e abusada)  
atacam o poeta o mundo da luz desaba  
vingam trevas sobre a dor da causa.

(Tédio dilapida a pena e a página acolhe  
ócio arruína coração vulgar)

Abro o labirinto, ergo enigmas do rosto  
devoro esfinges, estripo charadas da vida  
me irresolvo, sego primícias, cavalgo  
o espúrio (mas não preservo o espírito do tédio).

Ouro não tem significação  
(é um insignificante da imaginação  
trauma mineral da palavra, sonho alemão).

Pela via do verbo engendro  
pratas ensandecidas por ídolos  
de cinza lavrados (de pérolas castradas)  
escórias de estrelas por demônios escavadas  
dos detritos da luz extraio gemas de sombras  
a loucura da usura me alimenta a alma  
ímpetos bursáteis movem-me o que de ético  
jaza em mim depois do gozo reprimido  
músicas de esferas amedrontam-me o espírito  
que deságios alicerçaram com perícia.

Luxo ama volúpia  
verdade debênture falsa  
(disputada no leilão da alma)  
vivo mais e bem alto quando  
ecoam sombras nas paredes  
do vão labirinto da vida (anônima, sã).

## ADENDA DOIS

O desejo de ouro e a lida de pregá-lo  
na lápide ou no pescoço, de purgá-lo  
das escórias dolorosas (e do choque do púlpito)

de sua natureza ímpia abrandá-lo  
das tentações amarelas depurá-lo  
das ilusões do simétrico que o assedia expurgá-lo

evacuar pureza que o avilte  
desejos vazios preenchê-los de prata  
vãs certezas abolir como nitratos (ou filtrá-las)

fissuras, espaços dúbios, avaliações pias  
deletar dos leilões da alma em que aura  
do ouro se faça inata (opulenta carcaça)

captar do poema interrogações ácidas  
não a literalidade inocente (ou simpática) da palavra  
adoutrinada de sombras civilizadas.

As usuras do delírio  
os poetas das debêntures  
acumulam com as sílabas  
do desatino e da injúria.

Lilazes escoiceiam  
cães líricos com pétalas  
e cadelas bursáteis  
com seus ágios injustos.

Catracas do espúrio  
monumentos do escuro  
poetas oferecem  
aos gatos dos subúrbios.

## RETICÊNCIA E SILÊNCIO

quando as frágeis galáxias se cansarem  
de seus périplos cósmicos intranqüilos  
(ou de suas rotações irresponsáveis)  
de seus naufragos e gratos brilhos estagnados  
e luzes perpendiculares (e cursos enlouquecendo) quando  
a face úmbria da lua iluminar-se de dor  
quando o vasto empíreo arrefecer-se  
entropia devorando intestinos celestes  
(com os dentes das energias coaguladas)  
quando cometas e suas rápidas cabeleiras  
aproximarem-se dos barbeiros buracos-negros...

## TRÊS POEMAS 2011

Cavalo com ventre de gregos prenhe  
traidores do estômago sonhando  
com um crematório troiano  
(para um noturno de Tróia  
em bemol e sombra maior).

Dilúvio de sustenidos  
inundações de bemóis  
posturas de abismos  
sílabas e lençóis.

É olho sol do rosto  
ou sol olho do céu?



## FRÍVOLO E SIMPLÓRIO POEMA D'AGORA AQUI

ao Rogério Generoso  
o de Noumenon

Ouçõ nuvens e centelhas cegas  
e anjos descalços na minha rua (cava

selva em que vegeto urbanizado  
torpe espaço em que envelheço álgido)

anêmonas palestinas madalenas perdoando  
à luz de Goethe o pecado a lavoura

mar morto rijo sal lento rege  
pênis da água escande salina volúpia

mar imoto lenha do céu púbis do relâmpago  
o absolutamente desprezível prosperando em mim

como dízimas insolúveis esfinges amadurecidas  
pormenores de baunilha e contratos ominiosos

leis minúsculas acasos concebíveis  
aléns e intransitivos verbos de voragem

músculos de luz fêmures espirituais  
clavícula de Jesus luxada no templo

a frivolidade humana invencível e aberta  
como as veias do mundo ao martírio escancaradas

ao embate betuminoso da cilada monetária  
ao cansaço do miocárdio devotada

o sentido das coisas morto  
poema simplório agonizando junto

a implacável lucidez que não deixa morrer  
sangue edulcorado mazelas salientes adolescendo

ah, espessuras do silêncio engendrai em mim  
o grito dos cadeados (desencadeai treva).

## VASO DE CINZA

As cinzas de Fênix foram  
religiosamente recolhidas  
depositadas num vaso cinéreo bege  
e jogadas no prado ático  
(parámo da ressurreição órfica  
elemento do poema terrestre)  
(guardados da boceta de Pandora?).

## DESESPERA

(todos os poemas já foram escritos  
resta reescrevê-los)

Vocábulo de cavalo e ternura me chegaram  
de súbito se empoleiraram  
no varal imaginário  
deparei-me no papel com a urgência da vertigem  
(branco do papel linho do céu continha  
oculto texto de loucura relva sem juízo)  
esperei na página a montagem  
o vórtice dos sintagmas (fúria verbal sincera)  
expus a nu o pensamento (e a doença  
a cura e a loucura)  
e o rol louco das palavras veio de súbito  
assombro para úmido tom caligráfico, mancha pura  
esperei a paciência e o tempo transpassá-lo  
(com seu alfange selvagem confrontá-lo)  
até recobrir impiedosa pátina  
(de horas e lodo do limbo e da alma)  
e revelá-los à página desesperada  
e calarem todos os cavalos do vocábulo  
patas, trotes, crinas, consoantes labiarem-se  
como se fossem vogais dos lábios  
do desejo, salivas da sede do corpo  
da carne da alma.

## **FUNÇÃO DO POETA / FIM DA POESIA**

**À dor de (não) dar realidade aos desejos  
a Jomard Muniz de Brito  
aos limites cristalinos e lascivos do ser**

Todos os poemas já foram escritos  
resta reescrevê-los (todos)  
até que todos os poemas estejam escritos.

O tempo suspenderá as sessões  
em seus palcos  
e seu curso imaginário (à Bachelard).

Escritores passam a vida repetindo palavras, cenas, situações  
(cobrando continuidades falsas).  
Sempre as mesmas palavras  
em situações diversas (ou não)  
polindo-as, repolindo-as (desfazendo-as)  
apartando-as, desapertando-as  
do curral da página  
em busca da experiência definitiva e perfeita  
(à Unamuno).

## FRASES DA LUA

### dúzia de monósticos vitais

devo ter por alma diamante ou labareda

\*

fugas amam disfarces

\*

destino dispensa máscaras

\*

a bordo do abismo voo

\*

a meu coração talvez frívolo talvez grave

\*

diário de mim e da hora azada (ou do tempo mártir)

\*

à fuligem dos gestos finais

\*

oblíqua mãe a loucura

\*

não há mulher secreta

\*

duvido inclusive de minhas incertezas

\*

meus poemas são impotentemente inacabados

\*

ou seja, impenitentemente me menoscabo

reis taumaturgos manifestam sacralidade  
curando escrofulosos  
seu beijo (o de Luis) amaina pus, sorve dor

na esquina invisível de outra cidade  
anjo espera com asas de fraude

outras utopias nos esperam  
à beira da estrada devastada  
à beira da veia desesperada da palavra

quando as cinzas das quartas-feiras ganhem asas cruéis

nas tardes cansadas das praças senis  
anciãos dormitam asseados  
à espera do nojo  
de mais uma noite que os agoure  
ou da redenção do tempo  
(ou do que reste do fôlego da naufragada hora)

é preciso a poesia da aridez suprema  
ir além dos limites da pureza

**A VERDADE É FRÁGIL  
A PERFEIÇÃO INFLEXÍVEL**



## EPÍGRAFES DE EUGÉNIO DE ANDRADE

Que posso eu fazer  
senão beber-te os olhos  
enquanto a noite  
não cessa de crescer?

Não é sequer o brilho de um pulso  
ter cessado  
e a música que trazia  
às vezes um suspiro outras um barco.

Um corpo ao crepúsculo lido pelo vento  
chama-se música  
esta queda no escuro  
rente ao murmúrio.

E havia ainda outra música  
porque a loucura  
e o sopro das estrelas  
equivaliam-se.

## VERDADE APODÍTICA

Se fóssemos incinerar  
toneladas de falsa poesia  
que se publica no Brasil  
a cada ano o fogo  
eterno seria suficiente?

## REFLEXÃO INFLEXÍVEL

o crítico é leitor; este, necessariamente  
não é crítico, embora irrigorosamente o seja  
sempre

cabe a quem leia os poemas entender ou  
desentender o texto, ou melhor, atender ou intender  
ao entendimento ou desentendimento do escrito  
do criado (pela pena, não da alma, não pelo teclado da pele)

jamais poeta – se o for – deverá escrever  
criar poema pensando (em Descartes) no possível  
crítico, provável leitor, ou planejando escrever algo  
entendível, palatável, a priori, como obrigação

99,91% dos que “escrevem” “poesia” comportam-se  
deleteriamente dessa forma, usam o subterfúgio  
do facilitário ao leitor (penitente)  
e o resultado está ( se mostra visível)  
nas montanhas de inúteis livros de (falsos) poetas por atacado  
que nauseados prelos lançam como vômitos  
golpadas brancas famélicas, douradas no rosto  
das noites de autógrafos (tragicômicas e curiosas)

prateleiras sofrem excesso de peso eterno  
dos volumes líricos (encastoados nos cubículos)  
as bancadas das livrarias abrigam lombadas  
(com nomes de poetas estrelados)  
sebos se bentam-se de tais rolos coloridos  
e inconclusos, como sói ser a verdade  
que baila em cada página da alma (tão fracassada).

(O esforço do poeta consuma-se  
na brutal descarga de energia nervosa  
(indessublimada, anticartática, inútil)  
exigida. Embora fezes rime com luzes  
não é muito coerente. Embora muito real).

## POEMA E INTERROGAÇÕES

Nas ermas veias (do tempo árido)  
lentos rios correm  
como sangues pesados  
hora se imobiliza  
(coagulada dos relógios), o trânsito  
parece monja encerrada  
no antro do mosteiro  
numa cela do coração  
jaula jugular, cárcere  
onde prece apodrece.

(Quantos acres de escuro  
coração suporta?  
Quantos metros ermos  
vida esgota?).

Agora os deuses estão ermos  
e pragas do trigo  
já não semeiam campos egípcios  
todas as estrelas morreram  
abandonado fervor  
brilhos já não suportam  
túmulo celeste  
sedes todas debruçadas  
sobre agonia de água.

(Deuses usados perderam o jogo  
geopolíticas não cabem nas praças  
abraçam-se a altares  
entesouram preces  
indulgências enriquecem  
se arqueiam como hóstias  
passando pelas mucosas culpadas  
ao destino das gargantas  
cravejadas de úmidos pecados).

## (QUINTO) ELEMENTO TEMPO

Clemente elemento  
pássaro consome  
água ilude  
do mamilo da nuvem  
seios pesados  
latejam com relâmpagos.

Sob égide do fogo  
hora detida  
na entranha do relógio  
busca guarida  
pendurada  
no som do pêndulo  
sino da vida.

## **AGONIA DO POETA**

**ao Rogério Generoso  
o de Através**

Aqui começa a decomposição do poeta  
pútrida erosão de suas rimas (árticas)  
e odor malévolos das sextinas rústicas  
se espriam como infecção galopante  
pelas raias do intestino (diverticulítico)  
pelos lombos do tomo, pelos vales da página  
se espalha como água que onda transporta  
narinas da estrofe tumefacta  
aqui começa torneio cruel  
e infrutífera queda das metáforas  
vitória grotesca da metafísica da carne  
aqui começa iodada e ininterrupta  
(porque perpétua, invencível)  
putrefação dos eruditos (e suas graxas retóricas)



chama que devora seus lípidios sábios  
purifica as estações do inferno (Rimbaud que o diga)  
aqui começa o miasma, aqui rosna o bafio  
agora splende ridicularmente límpida  
de seus compêndios finitos a obra completa do aborto  
aqui começa a imersa, intermitente, prodigiosa  
dissolução dos sais que iludiram poetas  
aqui agora o invicto verme finca sua bandeira  
mórbida, asséptica, vitoriosa sob gozo  
dos sábados apaniguados, das datas servos escassos  
aqui desponta o ouro coagulado  
de seus gestos indádivos, aqui  
começa o fim da comédia  
(da vida pobre escrita)

aqui a cena agoniza  
o espetáculo estertora  
a comédia da vida  
último e probo ato empreende  
aqui, agora, a chama é estuprada  
e tudo regozija (e degenera)  
e o nada se declara  
a decomposição do poeta é integral, ininterrupta  
vitoriosa, enfim.

Aqui vocifera inútil  
tentativa de ser próspero  
aqui vale o abismo  
como moeda de troca.

## ITINERÁRIO DA ALMA (ARAÚJO)

Sou um escritor mas sou também xamã.  
O que digo não se escreve. A respeito de minha  
arte oculta sou vago às vezes. Outras espesso.  
Ou seja: me decifro, me desnudo. Me ubíquo.  
Como coivara me devasto e alimento. Me espaço  
como ar solto do páramo.  
O verbo tem forma de esfinge.  
O verdadeiro, o que vem da Vinha Pura  
perfeita vide poema não alcança.  
Nasci do Nordeste do Brasil mas minha estirpe  
se desdobra desde a Grécia órfica, desde  
África madre, desde mares nus da hiperbórica região.  
Onde a palavra clama por amplidão.  
Hiperbórico é o ímpeto que singra em meu sangue.  
Sangue que foi mediterrâneo, luso  
agora brasileiro (mas nas ribeiras do Eufrates  
buscou um dia fluente abrigo).

Ao negro cais de Caronte irás um dia  
das águas de livor do Averno beberás  
(pois o Aqueronte vital não te esquecerá).

## EU CONFESSO

O que vou dizer não ouça (leitora tola e última).  
Se ler, cale, ó tonta amiga. És a última (esperança)  
leitora desse conto íntimo, cavo hausto  
de palavra ébria, náufraga, ázima.  
Vou narrar aventuras da alma. Alma  
que atravessou vísceras sem data e crepúsculos tantos  
que transitou pela espessura dos séculos.  
E ronda pela eternidade deserta (sem guia  
abrigo, oriente, morte, endereço, azimute, lenço)  
pelos ermos da carne vaga ofuscada  
por ecos de outra estrada.  
Onde se perde o nunca. Onde  
o quando perambula, o agora pende, onde  
o antes passará após o depois.  
Move-a rumo ao íntimo.  
Da volúpia do espírito. Bússolas  
de sal sinalizam a alma exilada  
da carne (seu úmido paraíso), oriente escuro  
itinerário real da sombra da sombra da sombra do poema.

## DÍSTICOS VINHOS

ao vinhateiro José Gualberto

No vinho sagrados unguentos habitam  
aos lábios as devidas orgias

no vinho cavalos rubros e bruscos luzem  
as beiras do cálice gritam

touros trácios apunham a taça  
labirintos afiam suas sombras no trago

cavalgam relâmpagos súbitos  
sucumbem abismos brancos

no vinho brilha orgasmo do mosto  
música aquática das castas paira

perambulam ébrias partituras tintas  
dançam velozes abelhas róseas

igual a à sinfonia das esferas  
na borda do lábio êxtase vinho

## (ÔMEGA)

Sentido do silêncio ilumina mundo.  
Da pausa dos cetáceos, da pugna dos centauros  
de navegações estóicas, das espessuras céticas do voo  
dos gritos cambrianos, do divo temor, do divã  
de sonhos inacessíveis advém o mundo.

(Deus também de barro se auto-inoculou do alento.)

**Recife / Gravatá / Maio / Junho / 2003**

## POEMAS

### À reptiliana depressão da vida

Quilos de tranquilizantes não desmontam  
toneladas de pesadelos. (Outros cachetes procure).

Aquosos decibéis de tédio ouvir  
dobrando-se sobre nomes vencidos  
derramados sobre triunfos mortos.

Enquanto anunciam colheitas agonizantes  
cem touros aqui tombados  
em meio ao sangue dos matadouros (metafísicos)  
do corpo e da alma.

Do silêncio úmido da madrugada  
iniludivelmente choro  
contra o rosto dos sinos.

Da veia dos bonecos pulsam  
núpcias psiquiátricas  
do amoníaco com a prata.

Apollinaire ou uma maçã suspensa do ar  
e retilínio rastro do deus na sombra.  
Newton ou maçã grávida  
furtada do paraíso.  
E o que dela restou Nova Iorque timbra, morde.

Da dentada de Jobs ficou  
a metade maior. O presente  
do futuro restou.

## **AOS AMANTES**

Amantes acorrentam a tarde  
a suas ânsias corpóreas  
aos cais dos desejos acurados  
desembarcam do porto dos abraços  
naus insensatas dos sentidos ancoram  
no mar do corpo  
abeiram-se a suas bocas de água  
enquanto lua vaga sucumbe a seus gritos  
que gávea dos orgasmos galardoia.

## **FACTO E RÍMICA**

Os ossos de uma valsa debruçados  
aos ombros de violinos centenários.



## **BRILHIRA**

Brilham cristais de ira (reluzindo  
nas labaredas do imo)  
minerais envenenados  
e fontes cegas gritam  
solos desesperados.

E do espectro pranto se apodera  
vitrais cruzam com prismas  
brotam arco-íris e beija-flores  
escafandros prometidos a abutres  
padres derrotados pelos salmos.

E da incerteza dos búzios  
nasce a nave  
que irá vencer os ventos  
atormentados deste mundo  
contra a capela das quilhas  
desatinados mares devorados  
pelos negócios marítimos.

## TRINTA E SEIS POEMAS

### (poema 7)

A pegajosíssima virtuosidade da rima  
e a algébrica mecanicidade da métrica produzem  
óbvios poemas tétricos objetos estáticos ociosos  
homens são os maus ditos poetas  
que inescrupulosamente engendram  
(num aborto de palavras com sentido).

### (poema 12)

Dia de intrigas arquitetadas à sombra  
de vigamentos sinceros a perpetuar hologramas  
e lápides cronológicas para os cemitérios  
emaranhados da nova era dilapidar.

### (poema 17)

Do excelso ventre do criador luz geme, clava  
e solfeja gema e treva cânticos de náusea branca  
do zênite esquerdo aves comoventes  
confraternizam com as flores do pardieiro  
e maçãs preparam a ressurreição  
(das cinzas de que provieram os 36 poemas)

## NOVOS ÍCAROS VOOS REDIVIVOS

Eróticos ícaros de ímpetos impiedosos  
saturados de viço e cor acorriam  
ao coração infinito, ao vertiginoso atamor  
heróicos sem cesuras a eretos céus ascendiam  
à liça inabalável em prol da luz primeva  
à imortalidade do fogo (que Heráclito cuspiam)  
ao crivo infernal ou embraseado éden (gótico)  
de embuçados arabescos nutriam-se areias  
nimbos que absorviam mágoas  
e oceanos de cera se formavam  
em torno dos círculos de seu voo lateral (letal como a cera)  
(e sublime porque o impiedoso sol invejou)  
ante os dardos flamejantes liquefez-se (o dom) ou fizeram-se  
(o voo, a cera, a astúcia, o diadema)

da líquida queda a vida os ampare  
ou o poema os arremeta à eternidade.

Com seu profundo deslizar calmo  
contra superfícies enlouquecidas  
pelos páramos mais altos ouve-se íntima  
respiração dos pássaros.

**NOTURNO DE BOA VIAGEM  
E POEMA ÚLTIMO**



À endiabrada febre das missas  
constelada de hóstias e mentiras  
sucumbem domingos de avelã noturna

Aos louvores do céu ofereço lodo  
dúvida de cães, saliva de selo  
domicílios de Aquiles (cílios loucos de Heitor)  
residências de pablos (ilhas lúcidas e negras)  
e o destino dos tornozelos além  
de bálsamos noturnos.

De que treva ou missa escura  
vêm o nome e a penumbra  
de um tratado de puericultura?

## II.

Os ossos que a catábase recusou  
quem os inuma  
e no caldeirão dos mitos perturba?

Quando crepita o pranto  
porque lágrimas liofilizadas emanam  
do inconsciente que ali se debulha  
ou que das máscaras se evolam  
como se fossem inconsúteis tecidos de ontem?

Por que vertebra a pátria do crocodilo gargalhada?  
Por que vertebras sílabas quando ris (ou cantas)?

### 1.

Limo húmus vivo  
seiva que a palavra deita  
em outubro.



2.

O tempo estremece  
como piano de cauda e abdome quando  
o poeta recria com seu canto  
espaços que morreram  
com os ossos do lamento  
a solaparem périplos  
abandonarem escuros.

3.

Espelhos fatigados  
do fluxo falso e trêmulo  
morada da impotência  
reflexo do infortúnio mais severo  
eco do infinito paralelo  
do imenso com o entulho  
da linha reta  
como um paralelepípedo  
meio oblongo mas eterno.

III.

Incruento sol do zelo  
beira a madrugada do umbigo.

Acode profecias  
bacia de vaticínios.

Hoste de unguento avia  
outra ferida.

Luz de insólito sal  
obra dos olhos da lua.

1.

Quando pássaros perderem olhos  
poeta se livrará de sacrifícios.

Nudez de colibri nenhuma  
folha de cobre salva.

Os olhos das cores  
estão morrendo.

#### IV.

Basta de rigores de orquídeas  
que venham corolas inquietas  
ouvir triunfo das pétalas  
abertas cancelas  
dos olhos e das almas  
meta do poeta.

No alvo lençol sêmen  
deixa seu rastro rápido  
e centelha de gozo  
ubicada na cama.

Nada resta da beleza de Anastácia  
nem sua voz de rosa (russa)  
nem rumor de acácia  
pende de seus olhos rasos  
abertos à desgraça  
exílio da vida.

V.

Amanhecer ampolas  
coleccionar estações mortas  
e pústulas do ocaso  
sacrificar a noite.

VI.

Veias grávidas de sangue  
tintas que o poema abandona  
gravames da hora  
espalhados na alma  
no coração da guerra  
um cão de três patas  
mordendo o rabo da cobra  
ou boca de cobra abandonada  
na cola de um cometa.

VII.

A batalha de plumas  
a prélios do amor  
eu e tu nus.

## VIII.

Preâmbulo de músculos  
deontologia canina  
prolegômenos de canela, compêndios  
de alecrim e alma  
tratados do porvir (talvez)  
numa dobra do tempo abandonados  
(abertos ao passado).

## IX.

Coros do vento, clamores de sal  
alcovas loucas de dezembro  
alegria coagulada  
câmbios do espírito  
ilusões bastardas.

X.

Da anca à nunca  
adágio de frutos

    moedas rosadas  
    estorno de rosas  
    jardins contábeis  
ouro encarcerado nos bancos  
(das mortas praças).

O anjo recusou harpas  
e alimentou polêmicas  
sobre suas asas.

**POEMA ÚLTIMO**  
**(às algemas da solidão**  
**que libertam o poeta)**

Sentidos já frios a face do nada brilho  
vândalo de estrela contaminado de sombras  
ultimo o poema, dialogo com gládios, escavo o esmo e a dúvida  
ouço estertor bem forte, deserto perene  
ruflando o último alento, testamento vazio  
ouço Deus abandonando-me, Dido desesperada  
solapar das vísceras, lume arruinando-se  
seiva demolida sinto a beira do nada tocando-me ávida  
sua brusca caveira em gargalhadas de pedra passar  
ouço éter morrer, farrapos de sonho idolatrar o ralo  
(o efêmero venceu, a poesia é mortal)  
estertoro de bruços com o poema sem qualidades à morte  
(taça de tule esculpida afogando a vida)  
e ouço estertorar coração das coisas abstratas  
sentidos vingarem, morte iluminando-me vejo.

Recife, 13/04/2003.

**TESTÍCULOS CÂNDIDOS**  
**(poemas)**

**O (VERDADEIRO E SINCERO) SEXO DOS ANJOS**

Como reconhecer anjos?  
Por seus testículos cândidos.

Os anjos são machos!



**FAZER A DIFERENÇA  
TER ESTILO, SER ÍMPAR  
SAIR DA MANADA  
DA MEDIOCRIDADE ORGANIZADA**

**Vital Corrêa de Araújo**

A corrente hermenêutica crociana, primado da intuição sobre a razão, fragilizou o conceito de poesia como tensão intelectual, e o movimento contrário à poesia ingênua, de que a de salão, de álbum, de destreza e jogo, e lírica sentimental derramada, isto é, sorriso da sociedade, era paradigma, no Brasil, dominou até 1920.

Pound, Eliot e companhia advogavam uma poesia séria e encareciam o valor intelectual como elemento vital dessa nova poética, que não admitia alianças e meio-termo mas exigiam predominância absoluta, numa ação poética de terra arrasada contra as cidadelas “parnasianas” da poesia sentimental e preciosa. (Com cinzas de quartas-feiras ergueram fortalezas, que lustram o oco dos homens na comburida terra.)

A única aliança que os ultramodernos admitiam era o elo sólido “de fantasia artística e rigor de pensamento” (conforme reza Alfredo Bosi).

Só poemas dessa estirpe ou carnadura, dessa feição ou medula seriam capazes de resistir à usura do tempo, à corrosão das horas sobre eles derramadas como ácido impiedoso (pela piedade parnasiana).

Acresce Bosi que “foi essa inteligência moderna da forma – rede de fios sensíveis e cognitivos – que permitiu à crítica anglo-americana absorver elementos de análise simbólica e lógica da linguagem” e assim forjar toda a complexa estrutura hermenêutica e apurada sistemática de recepção da poesia moderna prevalecentes no século 20. Assim fêz-se a lápide da morte da visão crociana da poesia em que a intuição submete a razão.

De outro ângulo (ou outra clivagem) a crise de uma prática de poesia instalou-se e contribuiu para a mudança de uma concepção solar de arte para outra (ou revolução copernicana da estética literária).

A nova poesia contrapunha ao conteúdo da beleza cósmica ou metafísica a introdução do sujeito como centro da ação, embora não necessariamente figurando na primeira pessoa do verbo poético.

A desconfiança de que o predomínio do subjetivo na poesia levasse ao afrouxamento dos laços milenares entre o homem e o divino ou trouxesse em seu bojo o sacrilégio da submissão da natureza ao psicológico foi banida em definitivo com a morte da figuração pelo cubismo e o advento do surrealismo como força nova capaz de vencer toda inércia, e despertar o por vir.

A poesia complexa que valoriza o intelecto e despreza o simplório acompanhou a ascensão do pensamento burguês, pragmático e sofisticado, que decompunha e ridicularizava a ingenuidade da poesia devastadamente lírica.

A poesia laborada e sentimental, que até hoje predomina em certos estratos da literatura ainda sorriso da sociedade, choca o burguês por sua simploriedade e gratuísmo, o que o leva a dela zombar e dar de ombro.

Caímos na armadilha que nós mesmos armamos.

Cada poema é um déjà-vu (ou déjà-lu). Há excesso de mecanicidade e lugar comum (como a horripilante rima sonho/tristonho). Repetição. Precisão cirúrgica, quando é poesia, não medicina? Há um patente e quase consciente falta de criatividade porque faltam rima e tema elevado?

A poesia é só labor ou só informação. Alguns capricham na artesanaria poética. Outros mandam a lição ou notícia de fatos recentes (tsunami, eleição de Dilma, etc.) quase prosaicamente. Isso desvaloriza a poesia e o poeta. E faz a sociedade rir de nós, porque fazemos uma poesia que é sorriso da sociedade.

## AI, CISNE

em sua leveza felina e súbita o cisne  
músicas ao ar oferta, formas gera  
quase imprevisitas, úmidas e claras  
mais que perfeitas, instintivas (putrefatas)

no auge de seu aéreo cinismo bebe o início  
e de ouro obstinado polvilha o ramo de que nasce  
dourando o mundo de ávidas nuances e jaças torpes

cisne exuma a brisa, conflagra o branco  
enlaça lírios, entumece escória  
e na imobilidade baldia multiplica-se  
em ânsia de pureza absoluta  
trompete de transparência o anuncia

silêncio o enreda e transporta  
de nuvem em nuvem da água  
de sua translucidez advém  
finíssima candeia (opaca).

Eternamente cisne contempla-se  
(dos espelhos sem eco do mundo vem o císnico nome)  
e o arco de seus reflexos líquidos  
voa ao infinito voltaico (e cruado).

## **OI, CISNE**

Cisne e candelabro  
dão luz à alma.

O cisne é o amor natural  
é a branca forma do silêncio  
é a sede que hospeda o espírito,

cisne: algodão em rama vivo.

## **ROL NOBILIÁRQUICO** **(da crônica policial dos costumes)**

No poço carcaça de uma condessa  
espáduas de duques na sarjeta  
tripas de condes corvos satisfeitos  
da pira grita brilho exausto de comendas  
em gusa arde chusma esclerosada  
de brasões envilecendo.

Sal da glória na ferida de heróis  
busca guarida, pus floresce da esperança  
convulsiona víscera a tensão dos feitos  
bélicos que tumefacta coroa alberga  
láurea de vencedores se degenera em bosta crua  
(e válida ou veludosa, intestinal ou política)  
areia desmorona a desmemória, agonizam  
grilhões, sedentos dissabores satisfazem-se com a dor (insípida)  
reis decadentes incendeiam égides (com piras de majestades)  
ilusão de seus reinados ajoelha-se à verdade  
condes suicidam-se inapelavelmente com brocados frios  
à margem incinerada de seus dolorosos condados.

Nas fumegante aras a incógnitos deuses sacrífico  
libo e hinos arranjo para que meu mundo não caia.

## RUÍNA DO AMOR E INTERROGAÇÕES AZUIS

O tempo corroeu mármore, corações  
arruinou o amor

desejo é olvido, Baco vinho ambíguo

sinfonia de jacintos e andorinhas  
cópula de margaridas e beija-flores  
coito de rouxinóis e madressilvas  
boda de magnólias e bem-te-vis  
melodia de unguentos e canoros sêmens  
sinfonia de repuxos e corações partidos  
(bruxelas de luz ou cegas candeias de carne?)

esculpir do barro entranhas de pássaros  
e decifrar sombras do átrio de labirintos  
bálsamo sacrossanto das bocetas morder

por que insônia de cisnes corrompe?  
por que ceifar sonâmbulos jacintos  
se as estrelas estão olhando nossas vidas úmidas (ou áridas)  
os nossos gestos mais ímpios, nossas mais íntimas certezas?  
se a cósmica voz da lua paira  
sobre dorso de alimárias  
por que morrer? (Ou salvar veias?).

Por que tramar febres, concílios, fascínios urdir  
se a hora desgasta o coração, perpetua a dor?  
Porque ainda não somos humanos.

## CONFISSÃO INTRANSPONÍVEL

(enquanto endecassilabo perco  
o fecho do soneto, rimo sina com desdita)

Sou poeta esconso, insosso  
com esse de moço, um fosso  
daqueles que sonham com estrelas decaídas  
e fede como desgosto  
poeta descativante e estrábico  
à verdade que baila nos lábios  
e nas bancas de jornais empoeira  
daquele sulfuroso, arbitrário, esdrúxulo  
como chaveiro ou bisqui quebrado  
poeta imerso nas catervas, devoto de aviários  
das pedreiras da imagem presidiário noturno  
anuviado de incisos, envenenado de incensos  
de sentido cansado  
dos decretos da gramática aos tomos do intestino  
tudo se faz excremento rico e merece apreço (e prece merde Rimbaud)  
segundo o poeta a poesia sarja furúnculos coletivos  
réu do crime de não ser métrico  
praticante da rima foragida  
infiel da igreja do sentido  
no altar da ordem sintática nunca rezo

Tudo me condena ao inumerável exílio  
longe dos amigáveis adjetivos  
poeta das margens esquerdas  
sigo meu cômodo destino com uma parca (à porta)  
e pelos becos brancos peregrino tão sem rumo  
quanto cubos de albumina ática me intima  
endecassílabo anapéstico detesto, odeio  
anistias do ritmo sincopado  
dos poetas que extasiam o populacho  
(e alvoroça poleiro das sonhadoras)  
não obedeço às leis do pêndulo semiótico  
às idiossincrasias do metrônomo  
às jurisprudências das rimas e dos acentos rijos  
sou ocioso e brutal como Rimbaud  
alho se rimo com bugalho  
olor alastra-se (valha-me deus parnasiano!)  
pelas páginas do livro vizinho (vazado signo)  
aplastra-me desconsolo lírico  
e se as buganvílias não gritam  
entristeço magnólias  
(estupro orquídeas).  
Torço pescoço de begônias, estrangulo lírios (com o metal do terço).

Não endecassilabo confesso eu pois  
endecassilabar não é meu ofício.  
(Mereço absolvição? Amém)



Não urdo os sonetos do futuro  
nem planto bananeiras na rede verbal  
ao balanço das brisas de setembro chuvoso  
não resisto e como uma boa broa de milho.  
Soneto tão nosso, tão nobre partejo  
não o mereço (meço), mestria me falta com força  
o gênio da língua, o estilo do tempo, o prestígio  
(não o cacau ou dólar de lasanha)  
do sintagma me condenam a nada  
ao asilo de uma descasa  
tesouros métricos espolio com facilidades invictas  
delapido ritmos, números, formas, temas, cenários  
e hábitos de monges prescritivos  
não me rendo a contagens ou velocímetros de sílabas  
nem dedilho os mananciais da língua  
as veleidades do estilo  
rima de ponta de língua (ou do dedo) não cometo  
língua no saco em pé não me obriga  
a andar de cócoras ou entrar num supetão  
ou fugir de portas abertas para janelas de ostras.

Tenho dito (e não assino  
sou suspeito assassino  
de poemas sem destino).

(Enquanto endecassilabava perdi  
o fecho de ouro e a pulseira do soneto)

**SÁBIO**  
(não estrábico)

Sábio fende com fachos fúteis ou anchos  
tendas (vazias?) do ignoto  
com afinco extingue vestidos do obtuso  
e é quem com peixes raros fere  
dos mares incultos redes do inútil  
e lança do obscuro tímpano  
luz que o revela (de orelha a orelha)  
como desnuda relâmpago olho da pedra.

Sábio com tochas destrás arrosta arcanos  
e oferece sombra das entranhas  
ao vago sol das artérias nuas  
coabitadas do azul que hemácias deixam  
nos muros marinhos onde  
gota de luz vaza como seiva  
que o lume acalma (ou o ralo ganha).

(Lâmpada sinistra válvula ao coração endireita).

Note bene: Não procure sentido gramatical ou lógico, entendimento corrente, coerência sintática, exatidão de linguagem, enredo, coisa dada, certeza num poema vital.

Não é o alento, é o árduo  
não o intenso mas o cerrado (não a caatinga ou o cardo)  
que adenso com sábia palavra  
e frágil luz de sangue pensa.  
Não escravo, senhor libertado.

(pós-epígrafe)  
do gusano ao querubim  
é a mesma coisa, dista  
o mesmo instante, corre  
o mesmo risco  
(qualquer traço da alma humana)  
a mesma metafísica  
ronda a realidade

sob tabernáculo das estrelas  
coisas uivem-se  
sob dados da mão de Deus  
cego jogo segue.

2005

## DOIS POEMAS DEFRENTE À IGREJA DA PRAÇA

venho a teu silêncio (vinho)  
cúmplice do grito e da rosa  
ao martelo das vogais oponho  
buril do céu, tachas de Cristo  
murmúrio da fonte vital acolho  
do reino da palavra servo

A cúria toda ressoa  
de jogos obscenos  
de vermelhos supremos  
lascivas mitras amalgamam-se  
com paramentos ímpios odeiam-se  
medalhões úmidos do lodo  
dos leitos cardinalícios  
do papa assassinado  
(pelo santo?)

(Que cúrias metropolitanas  
me perdoem  
poético pecado).

Da corte orgiástica (e solene)  
erguem-se dedos lúbricos (atentos)  
a debulharem crucifixos cínicos e mamilos.

Dos jardins nobiliárquicos do clero  
florescem histriões  
com seus serviços bordados  
e sais corteses (vasos incompletos de preces)  
enquanto poetas à mingua clamam  
por ouvidos ou alhos inteiros.

Gravatá, 2005/2006.

## TRÊS POEMAS DE FIM DE JANEIRO

A alegria borbulha  
da taça da beleza difícil  
transborda  
dos lábios do coração  
para além da promessa (umbral  
para a capital do pecado  
potência que o ato degenera  
verdade que a poesia exalta).

Não me roa  
nenhum remorso  
nem o rato do arrependimento  
me corroa sentido ou afeto.

Às lâminas opacas da verdade  
navalhas que a culpa afia  
ofereço esses poemas  
que dezembro esqueceu  
- entre os ríctus  
febris dos festejos (e desejos insatisfeitos)

(lábeis ou túbios os poemas não têm sentido  
flébeis ou ínvios poemas temos sentidos)

2006

## TERCEIRO POEMA

Amor não é onda  
vermelho assome  
ou vingue azul de náusea.

Amor é quando  
páramos do coração viram chamas  
ou ecos do que sentes assim  
que rosas se insurjam  
contra os simulacros da primavera  
(contra as pátrias dos espinhos  
contra cravos, cavalos verdes, botinas, esporas  
e trapos mal-cheirosos do povo).

(Amor é cinza  
do que restar de vivo  
após o abandono).

Amor é o de Píramo e Tisbe  
(que o vermelho da tragédia perpetua  
nas rosas e páginas dos jardins sem édens).

**CANTO A MINHA  
OU A TUA MORTE**



**CANTO A EMINENTE MORTE**  
**(este poema francês**  
**lê quer o coração)**

Congela ao vivo a própria sombra  
é polar, iminente, matemática  
além de milimétrica adunca

(Além de operosa eficaz  
e assídua não permite  
que lhe revelem os trâmites  
e as estâncias dos seus pagos longes)

(Dela ninguém volta  
e a revolta empilha).

Se estremecem os ciprestes  
algum coelho ela recolheu  
(ao seu casulo feio)  
ou pássaros revolteiam  
em seus frios espaços  
- as asas sequestradas  
pelo ilimite do desespero  
mas os aprestos sempre prontos.

(E a cobiça em riste  
pela alma viva).

Seu aprisco é revoltante e infinito (ou mesmo ínfimo).

Se não há vagas para anjos  
(ou se a fila demoníaca desespera)  
nem baixa da legião dos santos  
por que me chamaste, cruel criador?

Túmulo não é lugar de encontro (encanto)  
não há praças nesse frio mundo (e surdo)  
(bancos só para óbolos velhos)  
nem comício para cadáveres  
(marciais ou místicos)  
afora meras orações célicas  
(ainda com saliva de anjos pendurada)  
derramadas de algum superior lábio (ou vaso bento).  
Ou orações vindas da sanha do Senhor  
(postura confidencial inconfidencial  
face o confim de onde advém).

Sobre dura pedra velho ódio goteja  
poreja ressentimento enrugado  
ira antiga fervilha  
sobre mesa morta  
florido funeral logo aplaca  
cólera ou lamento solta  
último suspiro a porta  
(que de tão estreita morre  
sem o fôlego da passagem aborta  
- e Gide só olha)

Enfim a eminência é vital  
e poderosa  
não gosta de cautela  
inventar acasos  
adora venturas (a)variadas  
vive de esquemas sem saída  
de labirintos cegos, moedas falsas, pastorais fervores  
tem a seu favor e serviço sincero  
exército de vermes  
alguns metafísicos  
todos envolvidos em seu manto eminente  
o terreno ofício devorador e insano vivendo.

A Menalque e Natanael

Paris, 1988.

## CASCAVEL

Com o velo vai-se ilusão  
vem escuro vaso  
fica brilho do veneno  
inoculada luz do íntimo  
gota de cicuta enleva  
o esôfago fero

Ao rés onde rolas tremes  
sinuosa, infinita (cilíndrica e macia)  
temor escande, morte mede, hora teme  
sombra frágil, irresoluta  
cruéis silvos nomeiam  
sonoras bages previnem  
assédios da morte (que mordem)  
entre nós e guizos te alastras  
como o medo que derramas  
com alertas cápsulas de ímpia cicuta  
circulando de tuas veias para humanas dores atras  
gestos metafísicos resolutos  
no círculo das serpes doas enlaces  
incutes aos cérebros desvarios  
circuitos interrompidos tua seiva instala

a geometrias azuis caos doas  
oblíquos informes, amorfos pendores  
ofereces ao que pulsa a imobilidade  
e escuro à luz dos vasos que invades  
com o buril duplo dos dentes o inerme esculpes.

Mensuram tuas ofídicas dinastias  
épuras rápidas, botes sem água (ou trégua)  
e poliédricas clausuras.  
De tudo o que hermetiza o insano és irmã.

(Do cálculo do cadinho de tuas seivas más  
herdas a matemática diabólica  
túnel sem luz ou dia, cápsula da agonia).

Gravatá, 2008

## COGNOMINADO POETA

Ele participa com máscaras e fermentos  
da vida

e do vigor desse jogo absorto e imaginário  
portanto vil

                          chamado poesia  
vem a dor do ver assim o mundo  
(de cabeça para baixo a pútrida  
palavra que o mascara)

ele se orgulha  
de possuir o mais perigoso dos dons  
(e o mais inocente dos ofícios ósseos do espírito)  
dono que é de bens impunes (e herdados)  
persistentes, inesgotáveis

  do espólio da palavra  
ele sente a profundidade antiga  
  (e a profanidade viva)

do insumo que ao ente do sonho assedia  
ele sente

                          o que o ilumina  
  de ilimitadas ilusões  
ele é o coração da verdade e sua vítima: poeta.

## DIGNAS INDAGAÇÕES

Quem descobriu a obliquidade do zodíaco  
na noite da quinta olimpíada?

Quem inventou o equinócio e sonhou  
com o arenoso mapa do céu?

Quem esculpiu solstícios  
e acariciou jônias horas

no pudor de uma tarde primaveril  
antes que dominasse a aspereza do verão?

Quem cravou apotegmas e demoras  
nos insolentes papiros de Néucratis?

Quem assistiu à primeira sessão dos ápeirons  
nos cines da imensidão?

Quem buscou a substância última do mundo  
no ar, água, fogo, ápeiron?

Quem amou as espartanas e silenciosas  
saliências dos relógios do sol

e ouviu diagramas do luar oferecendo  
dízimos e sílabas a pedras do Peloponeso?

Quem numa tábua botou  
o mundo habitado de então

(noções que Hecateu de Mileto  
aformoseou horas depois)?

Quem sob jugo de álgebras celestes  
decifrou céus gregos (intempéries domou)?

(Tocou o Livro de Anaximandro  
as primeiras asas do anjos?)



## MEUS CABELOS E A INTEMPÉRIE DO TEMPO

Meus cabelos brancos signos  
estrelados de melancolia árida

ruflar de outonos  
no desesperado crânio

um osso arredondado  
calva faiscante impertinente

e minhas lágrimas vazias rolando  
pelo rés da vida, cascata incontida

descabelada, perdida  
como jorro cego de cones inconclusos

meretriz da palavra  
dor abandonada (a seus próprios ésteres e sais convulsos)

irreparável hora que nada desvenda (pálpebra vencida)  
tudo devasta, assimétrico pranto

caindo do rosto como ruínas, lixões mecânicos  
abelhas noturnas, galáxias em despejo  
inquilinato abrolho que Deus dardeja quando  
se cansa da atrabiliária criatura que pariu  
do barro sem culpa

envelhecer arado ímpio  
opera num campo mudo

música de vidro  
silêncio de alumínio

grito de zinco azula  
pejo das estrelas

quando alma descarna  
lembranças diurnas

e exposto à aridez das fraturas do corpo  
espírito enferruja.

**SOBRE BORGES  
E  
A CADA UM NEGUE ODRE DE SEDE**

## **SOBRE OS BORGES**

**a Maria Kodama Borges  
(que conheci em Buenos Aires  
à porta da Fundação Borges, em 1995)**

A Borges sempre agradou as manhãs de Montevideu (que contemplou das ribeiras do Prata) e os crepúsculos taxanos (que cravou em sua agenda fantástica).

Do safardita Spinoza, em magistral soneto, Borges beija as sandálias (não as de Empédocles que o Etna nunca devora) e acaricia as esplêndidas mãos do judeu que decifrou o universo e ensinou filosofia a Goethe.

Dos civis arrabaldes de Buenos Aires – onde a poesia é presente e potente na virilidade dos homens e na astúcia das mulheres – Borges desentranhou para a poesia as figuras reais e metafóricas dos cumpadritos e cuchilleros, vivendo uma mitologia de punhais em sangrentos prélios de truco e pálidas esquinas.

Tertúlia de navalhas leitmotivou sua poesia.

Possuiu a Borges ceticismo essencial e dom de melancolia árdua, chaves do pensativo sentir que o perseguiu sempre da juventude à velhice, além da fidelidade canina à metafísica.

Borges, sinônimo de cegueira, vigília espantosa, aborrecida sentinela, lucidez a toda hora. (Sempiterna imortal pena sem dó).

Borges descobre em 1940 La noche sin dueño, de Anaxágoras, fonte de poesia incessante presente na Noite cíclica.

É a tarde, o outono, que cai como sino cego pendulando o silêncio, dobrando o grito; é outono impiedoso que cai como água indefesa sobre pobre presa.

A tarde, o outono de Trakl.

Borges não se adaptava nunca ao gosto comum, a tendências de massa, a sucessos mundanos...

O culto da metáfora ultraísta foi meteórico.

A metáfora borgeana (envaidecida pelas vivências da solidão foi eleita pelo Outro. Nela, o outono paria primaveras em quimonos. (A propósito, é ilegível todo livro de boa poesia).

A lua, indecifrável e cotidiana, noite após noite bailando nos céus portenhos, se não o contaminou, insuflou-lhes força espiritual capaz de humilhar estrelas dos pagos (céus) de outras terras, sucessos de outras plêiades.

Sob vária lua, Borges errou, sofreu, alcançou o pódio da palavra, vitória escrita, champanhe da imortalidade, cálice do incomensurável que ele ergueu impávido e solene bebeu de um só trago metafísico e real seivas absolutas inscritas no coração da perda fervorosa (herdada de sua portenha carne).

A tarde do Juízo Final estava ainda serena. Às cinco em ponto, Deus chegou, com uma coroa de jacintos e na mão ramos de dourado trigo, lauréis nos pés auríferos (pisoteando palhas de maiz).

Não trazia urzes, sarças ou cinzas.

Mas no ombro aljava de relâmpagos e alforjes onde guardasse sopro.

A tarde adorna de coroas o acaso e livre dos árduos pinos do meio-dia liberta a chusma de pasteis e bisnagas, toda a gama de suas ásperas cores oferece ao crepúsculo como prêmio de sua rebeldia contra a soberba do dia. As milícias espetaculares do claro não derrota mas atenua. (A paleta da noite já se avizinha, com suas malícias caliginosas).

Também a tarde por acaso é signo do outono, tempo em que caem folhas e falos.

Assiste-se ao crepúsculo do pênis. Os inumeráveis homens deste impotente mundo estão sangrados, cabisbaixos. Calam. O falo baqueado. Mirrando. Desiste de seus levantes e clamores do sangue em riste. Rende-se à impotência. Valem-se de nada românticas viabras. Míssil químico. Cachete tolo. Aposentados da volúpia o homem novo é velharia.

Se comprazem as cúmplices mulheres com a libido adormecida?

Para Borges, a rosa (não a que não é só rosa, de Gertrudes) é uma flor simbólica, a urgente rosa (que não se deita com cadáveres), a que o embala em mistérios (não a de Lugones, de artifícios altos), a rosa real do sono (não a utópica de Coleridge), a que é como uma mulher, plena de viço e sombra, “memory of a yellow rose seen at sunset”, a rosa encarnada no poema... de Junín, a rosa extinta de Buenos Aires, a ociosa rosa de Alfonso Reyes, a última rosa que Milton viu.

Enquanto o velho  
na torpe tarde declina  
ao jovem urge o tédio (da vida sem a poesia).  
O sol sem ocaso é terrível  
como terrível é um poente de implacáveis (ou impassíveis)  
(como os de Londres ou dos olhos de Borges),  
resplendores as ruinosas cores ressuscitando, o buquê roxo  
reinando na relva como um rei deposto  
pela azáfama da indolente luz  
que o dia quis encompridar e burlou.

No altar das rosas colibris de joelhos oram.  
Oração ao cálice levanta-se (como falo à carne).

Estátuas com néctar de mármore erguem-se  
das narinas acromáticas das horas.

Nelas pousam beija-flores de bronze  
e borboletas de veludo  
(acetinadas asas de anjos ainda alados as bocejam).

O jovem Borges preferiu o eficaz ao insólito. Foi sua opção estética.

Borges e a estética do despojamento, a preferência do abstrato, a ausência de cores e o périplo a elevações metafísicas. Algumas vezes ruidosas essas epifanias o desmesuram. Imortalizam a palavra.

A afirmação de Borges, em 1960 (que teve ares de fórmula estética) de que som é mais importante que ideias soa como outra vitória do esteta sobre o suposto filósofo. (Franz Niedermayer). Mallarmé o copiaria.

Borges nunca foi contraditório, sempre foi multicontraditório. Dialético hors concurs.

Nenhum entre os grandes poetas dos dois últimos séculos do segundo milênio deixou mais de seis poemas perfeitos, dispara Gottfried Benn.

Exceto, Borges: deixou centenas (engatilho).

Os poemas de Borges são a essência de suas insônias  
o reduto das rosas do mundo  
as última pegadas do labirinto (mapas do dédalo de sombras)  
clero das incúrias, potes de incêndio, senhas de Ariadne  
crinas recentes dos touros que gritam contra muros (hecatombes dos becos)  
avaro resplendor das ruínas.  
Das runas a metáfora (perfeição da pedra)  
das máscaras o ocaso do esplendor a derrota.

Os poemas de Borges são sutis taças de nada  
crivos centrífugos, velos de cartas, épuras  
selos, panaceias, silos de fome, órbita de dádivas  
rostos dos últimos naipes  
hostes de páramos, júbilos libertados  
ventre de peixes, abôbadas do cerne  
são cifras de um pátio de álgebras  
hinos geométricos gesticulando  
mausoléus de selêucidas.



## **A CADA UM NEGUE ODRE DE SEDE**

**o vaso da alma, da veia, da lua  
não há sede que encha ou desejo vença**

à desolada lua cão uiva, o canto pela rua deserta derrama-se  
aliciando gatos sob céu vagaroso.

juventude possuiu-me por alguns desvairados segundos

à volúpia elevei muros, represei-me, fugi

lábios de sede nunca deveriam morrer

à ilusa beira das águas não há salvação para lábios

fervorosa saliva incendeia

de inesgotáveis insônias farto o amor

febre é tudo o que desejo, febre do desejo aplacado  
com rações de volúpias aviltadas

deixa à deriva meus sentidos, que cansaço os persiga  
urda lençol devasso, grunham de lassidão leitosa  
revelem a ambigüidade de todos os desejos  
decifrem sede que embriaga lábios

da lasciva manhã verte-se noturna mácula dos licores

horas difíceis, apressadas, amorosas não têm nome  
preço, perdão, lampejo de salvação, absolvição culpada  
juventude escorre como mel, doce e rápida torrente  
que ardilosos lábios recolhem para vômito, exame  
de carniças francesas, albatrozes sem horizontes  
rimbaudeando pelos mares da palavra  
buscando solfejos para o canto da náusea

vida, anônima vida, escoadouro de horas, saciação de desejos  
sensações desesperadas, tempo pouco para apaziguar o corpo

de pequenas mortes vive o amor.

Estes cadinhos do desejo ofereço  
a Gide, filósofo da volúpia  
e Hafiz, místico azul

e a Jomard Muniz de Brito setentífero  
e a Paulo (mago) Bruscky